

Os Direitos Humanos implicam em deveres: a visão de Saramago

Human Rights imply duties: the vision of Saramago

Maria Irene da Fonseca e Sá 

Universidade Federal do Rio de Janeiro

mariairene@facc.ufrj.br

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Data de Submissão: 12/01/2021

Data de Aprovação: 10/03/2021

Resumo

A desigualdade social gerada pela globalização e o deslocamento do poder para quem detém o acesso à informação são temas discutidos na obra de Saramago. Ele enseja que seus leitores se questionem e questionem o mundo em que vivem, encaminhando-os para a reflexão sobre o atuar do ser humano – direitos e deveres. Este estudo tem por objetivo discutir os direitos e deveres humanos a partir da visão de José Saramago. Saramago afirma que: “Estamos rodeados de imagens que nos mostram que o mundo está mal, mas nós estaremos bem pior no dia em que nos tivermos acostumado tanto à violência que a consideremos natural – ou cultural, se assim preferirem”. Conclui-se que, na visão de Saramago, a humanidade perdeu a razão e que, neste mundo globalizado, verifica-se o aumento simultâneo da riqueza e da pobreza. A humanidade se recusa a examinar os erros passados e produz novos erros.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Deveres e Obrigações dos Seres Humanos. José Saramago. Globalização. Humanidade.

Abstract

The social inequality generated by globalization and the displacement of power for those who have access to information are topics discussed in Saramago's work. He encourages his readers to question and question the world in which they live, leading them to reflect on the human being's performance - rights and duties. This study aims to discuss human rights and duties from the perspective of José Saramago. Saramago says: "We are surrounded by images that show us that the world is bad, but we will be much worse off on the day that we have become so accustomed to the violence that we consider it natural - or cultural, if you so prefer". It is concluded that, in Saramago's view, humanity has lost its reason and that, in this globalized world, there is a simultaneous increase in wealth and poverty. Humanity refuses to examine past mistakes and produces new ones.

Keywords: Human Rights. Duties and Obligations of Human Beings. José Saramago. Globalization. Humanity.

1. Introdução

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 traz como objetivo fundamental “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais” (Senado Federal, 1988), da mesma forma que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo XXV, estabelece que “Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis [...]” (ONUBR, 2009, p. 13). Ou seja, são apresentados atributos que garantem ao cidadão uma vida de qualidade, mas também que evidenciam a transparência de problemas crônicos que ocorrem em países em desenvolvimento.

O cenário da atual sociedade, descrito por vários autores como a Sociedade da Informação, se originou no momento da globalização e da acelerada disponibilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), com destaque para a Internet (Castells, 2010; Dupas, 2011).

É fato que a globalização propiciada pelo progresso e evolução das tecnologias provoca o aumento da produtividade e o crescimento econômico, mas também pode provocar efeitos não desejados sobre a distribuição de renda da população, na medida em que alguns se tornam mais capazes de se apropriar do excedente do que outros.

Assim, a desigualdade social gerada pela globalização e o deslocamento do poder para quem detém o acesso à informação são desafios atuais e que, de alguma forma, são discutidos em várias obras do escritor português José Saramago.

Da mesma forma, Saramago, sempre atento aos problemas da humanidade, alerta, através

de seus romances e de suas falas, para a não observância dos direitos humanos. Em seu discurso, pronunciado no Banquete Nobel em 10 de dezembro de 1998, ele alertava que “As injustiças multiplicam-se no mundo, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra.” (Saramago, 1998, pp. 22-23). E convoca os cidadãos para a ação (Saramago, 1998, p. 22):

“Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicamos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor.”

Após mais de 20 anos dessa denúncia, o mundo não parece melhor. Todos os dias, observa-se que notícias de genocídios, de injustiças, de guerras, de mortes, de discriminações, e de demais horrores povoam os noticiários do mundo.

Assim, este trabalho tem por objetivo discutir os direitos e deveres humanos a partir da visão de José Saramago. Para tal, de modo a tratar o tema proposto, o trabalho, do ponto de vista da forma de abordagem do problema, vale-se da pesquisa qualitativa em que são consideradas e analisadas publicações da obra de José Saramago, assim como falas desse autor relativas ao tema. Quanto ao objetivo é pesquisa exploratória por buscar proporcionar maior familiaridade com o tema, com vistas a torná-lo mais explícito. Quanto aos procedimentos técnicos envolve a análise de diversas publicações, especialmente do escritor português José Saramago.

2.A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), um documento marco na história dos direitos humanos, foi elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo. Ela foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948, como uma norma comum a ser observada e alcançada por todos os povos e nações. Há mais de 70 anos atrás, esta declaração estabelecia, pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos. “Desde sua adoção, em 1948, a DUDH foi traduzida em mais de 500 idiomas – o documento mais traduzido do mundo – e inspirou as constituições de muitos Estados e democracias recentes.” (ONUBR).

Segundo a ONUBR, a DUDH, em conjunto com o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos e seus dois Protocolos Opcionais (sobre procedimento de queixa e sobre pena de morte) e com o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais e seu Protocolo Opcional, formam a chamada Carta Internacional dos Direitos Humanos.

Alem disso, uma série de tratados internacionais de direitos humanos e outros instrumentos, adotados desde 1945, expandiram o corpo do direito internacional dos direitos humanos. Assim, pode-se citar a inclusão das convenções: Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio (1948), a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965), a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (1979), a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006), entre outras.

Conforme o *web site* das Nações Unidas do Brasil (ONUBR):

“Os direitos humanos são comumente compreendidos como aqueles direitos inerentes ao ser humano. O conceito de Direitos Humanos reconhece que cada ser humano pode desfrutar de seus direitos humanos sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outro tipo, origem social ou nacional ou condição de nascimento ou riqueza.

Os direitos humanos são garantidos legalmente pela lei de direitos humanos, protegendo indivíduos e grupos contra ações que interferem nas liberdades fundamentais e na dignidade humana.”

Portanto, a legislação de direitos humanos obriga os Estados a agir de uma determinada maneira e proíbe os Estados de se envolverem em atividades específicas. No entanto, ela não estabelece os direitos humanos, pois os direitos humanos são direitos inerentes a cada pessoa simplesmente por ela ser um humano.

Em seu artigo I, a DUDH diz: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” (ONUBR).

E, no artigo II (ONUBR):

“1 - Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça,

cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

2 - Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.”

E, o artigo III afirma: “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.” (ONUBR).

Estes artigos já são suficientes para a discussão e reflexão de como a humanidade está longe de observar os direitos humanos inerentes a cada ser humano.

Ainda, segundo a ONUBR:

“Algumas das características mais importantes dos direitos humanos são:

- Os direitos humanos são fundados sobre o respeito pela dignidade e o valor de cada pessoa;

- Os direitos humanos são universais, o que quer dizer que são aplicados de forma igual e sem discriminação a todas as pessoas;
- Os direitos humanos são inalienáveis, e ninguém pode ser privado de seus direitos humanos; eles podem ser limitados em situações específicas. Por exemplo, o direito à liberdade pode ser restringido se uma pessoa é considerada culpada de um crime diante de um tribunal e com o devido processo legal;
- Os direitos humanos são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes, já que é insuficiente respeitar alguns direitos humanos e outros não. Na prática, a violação de um direito vai afetar o respeito por muitos outros;
- Todos os direitos humanos devem, portanto, ser vistos como de igual importância, sendo igualmente essencial respeitar a dignidade e o valor de cada pessoa.”

Assim, a dignidade e o valor do ser humano são quesitos inquestionáveis.

3.Saramago e os Direitos Humanos

Saramago, através das falas de seus personagens em seus romances, aborda várias questões relativas aos direitos humanos. Ele explica que “No fundo, são questões que tenho com o mundo, com a sociedade, com a nossa história. [...] É como se o mundo me incomodasse no sentido mais profundo e eu, através de um romance ou fábula, o deixasse exposto.” (Saramago apud Aguilera, 2010, pp.

329-330). E, desta forma, Saramago provoca a reflexão de seus leitores sobre as questões exploradas nos romances.

Um de seus romances mais emblemáticos quanto à crise ética da sociedade contemporânea é o *Ensaio sobre a cegueira* (publicado em 1995). A irracionalidade do mundo contemporâneo foi a mola propulsora para o desenvolvimento desse romance. Ele

pode ser considerado um romance cruel, com descrição de episódios que remetem às necessidades básicas do ser humano, e provavelmente, ao que há de pior no ser humano. Saramago, nos *Cadernos de Lanzarote* (Saramago, 2011), utiliza diferentes vocábulos para referenciá-lo: “a cegueira da razão”, “o uso irracional da razão”, “Tempo de cegos”. Talvez o que melhor caracteriza o romance é “desconcertos do mundo”. A cegueira alcança a todos, com exceção de uma única personagem que procura manter-se racional. De início vem o internamento num manicômio dos que perderam a visão, mas em seguida todos ficam cegos e a cidade entra num estado de degradação total, com todo tipo de exploração: física, sexual, econômica e moral (Saramago, 1995). Desta forma, Saramago apresenta a sociedade globalizada em que vivemos, com todos os tipos de exploração. É o que se observa nos noticiários pelo mundo afora.

27

Lopes (2011, p. 108) fala do sofrimento do narrador: “Ao *Expresso*, por exemplo, referiria que: “O tempo da escrita, sobretudo nos últimos tempos, foi de sofrimento, de momentos em que me sentia incapaz de aguentar aquilo que estava a escrever [...] Foi como se tivesse dentro de mim uma coisa feia, horrível, e tivesse que sacá-la. Mas não saiu, está no livro e está dentro de mim” (28 de outubro de 1995).” E está dentro de cada ser humano. No romance, a personagem rapariga dos óculos escuros pronuncia a sentença: “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.” (Saramago, 1995, p. 262). E, Saramago afirma: “O que precisamos é procurar dar um nome a essa coisa: talvez, simplesmente, lhe possamos chamar “humanidade”” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 154).

Assim, o escritor vem lembrar a responsabilidade de ter olhos (para ver) quando os outros os perderam. Portanto, “[...]”

Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem” (Saramago, 1995, p. 310).

É a crítica à sociedade alienada que não observa o outro, que perdeu a capacidade de se relacionar, de respeitar o outro na sua diferença, de compreensão e de compaixão. E, Saramago conclui: “No Ensaio não se lacrimejam as mágoas íntimas de personagens inventadas, o que ali se estará gritando é esta interminável e absurda dor do mundo.” (Saramago, 1999b, p. 58).

Na parábola social *A Caverna*, Saramago traz sua crítica para a sociedade de espetáculos que se cristaliza no poder das novas tecnologias e nos grandes centros comerciais (shoppings), em que o ser humano não perde o emprego, mas a função. É a sociedade da exibição na qual prevalecem os verbos comprar e vender. É um romance que fala de mudanças e de como as mudanças são percebidas e assimiladas pelo ser humano. A personagem Cipriano Algor proclama (Saramago, 2000, pp. 106 -107):

“[...] são os tempos que mudam, são os velhos que em cada hora envelhecem um dia, é o trabalho que deixou de ser o que havia sido, e nós que só podemos ser o que fomos, de repente percebemos que já não somos necessários no mundo, se é que alguma vez o tínhamos sido antes, mas acreditar que o éramos parecia bastante, parecia suficiente, e era de certa maneira eterno pelo tempo que a vida durasse [...]”.

O romance fala do fim do trabalho manual e/ou artesanal e, assim, Saramago reflete sobre a insegurança vivida pelos seres humanos no mundo atual (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 326):

“Quando às vezes eu digo que *A Caverna* é um romance sobre o medo, temos de entender o que é que quero significar com isso: um medo que mais ou menos sempre sofremos, mas não tanto como agora. É o medo de perder o emprego. Há um medo instalado na sociedade moderna, talvez pior que todos os outros medos: é o medo da insegurança, o medo de amanhã não ter com que alimentar a família. Esse medo paralisa.”

O romance *A Caverna* leva os leitores à realidade de uma caverna moderna, um lugar sem correntes, mas onde o homem vive amarrado, preso, enjaulado... Um mundo onde não há espaço para o desenvolvimento de atividades artesanais. Uma realidade em que o novo totalitarismo se baseia na economia e nas multinacionais, os novos donos do mundo. Assim, o mais descartável que existe na atualidade é o ser humano.

Canclini alerta para os problemas que advêm com a globalização (Canclini, 2007, p. 252):

“As investigações sobre cidades globais vêm revelando, junto com os sistemas de integração (forte papel das empresas transnacionais, misturas culturais, crescente número de turistas), a exclusão de zonas tradicionais e pobres, o aumento da marginalização, do desemprego e da insegurança. Coexistem oportunidades de incorporação global e movimentos de degradação. As fraturas entre integrados e excluídos, conectados mundialmente e localizados à força não são exclusivas dos países subdesenvolvidos; encontram-se

e agravam-se também nas urbes européias e estadunidenses.”

E Saramago enfatiza: “A mim, o que me interessa é que o centro comercial simboliza um sistema cruel. Fabrica excluídos sem piedade alguma” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 326). E afirma (Saramago apud Aguilera, 2010, pp. 487-488).

“O problema que se coloca é: que tipo de vida queremos? O único lugar público seguro que existe é o centro comercial, como antes era o parque, a rua, a praça. [...] O centro comercial é a nova catedral e a nova universidade: ocupa o espaço de formação da mentalidade humana. Os centros comerciais são um símbolo. Não tenho nada contra eles, o que estou é contra uma forma de ser, de um espírito quase autista de consumidores obcecados pela posse de coisas. É aterradora a quantidade de coisas inúteis que se fabricam e se vendem, e o Natal é uma ocasião estupenda para comprovar isso.”

Em 2002, Saramago publica o romance *O Homem Duplicado*, cerca de dois anos após a publicação do romance *A Caverna*, que mantém a preocupação com o mundo globalizado, com a sociedade do exibicionismo, com a cultura do descartável e com a alienação do ser humano. Enquanto no romance *A Caverna*, a crítica estava no centro comercial e na perda da função pelo ser humano, no romance *O Homem Duplicado* é apresentado um ser humano incapaz de se ver no próximo, em que o ‘eu’ fica ameaçado pela presença do ‘outro’. Sobre *O homem duplicado*, Lopes afirma (Lopes, 2011, p.111-112):

“De certa maneira, esse novo romance prolongava a

preocupação do anterior com o carácter ilusório da realidade virtual, da imagem sobrepondo-se à realidade. Ambas as obras são como que metáforas para a alienação dos seres humanos face ao Mundo e a si mesmos devido à interposição de coisas mercadorizadas e desprovidas das relações sociais de trabalho criador pelo poder demoníaco do dinheiro. Antes o símile platónico da caverna corporiza-se no centro comercial e no cidadão tornado consumidor. Agora Maximiliano Tertuliano Afonso era incapaz de se rever no seu duplo António Claro e a sua identidade ficava ameaçada pela presença do “outro”.

quero que esse “outro” entre e usurpe o meu espaço? Nesta história, o “outro” tem um significado que nunca antes teve. Actualmente, no mundo, entre ‘eu’ e o “outro” há distâncias e não é possível superar essas distâncias, e por isso o ser humano cada vez consegue menos chegar a um acordo. As nossas vidas são compostas em cerca de 95% pela obra dos outros. No fundo vivemos num caos e não existe uma ordem aparente que nos governe. Então a ideia-chave no livro é que o caos é um tipo de ordem por decifrar. Com este livro proponho ao leitor que investigue a ordem que existe no caos.”.

29

Portanto, enquanto o mundo se globaliza através de uma cultura geral (moda, música, costumes...), o ser humano não se vê no seu igual, ou melhor, não aceita o outro igual a si. Pode-se usar a mesma roupa, as mesmas marcas, ouvir e cantar a mesma música, fazer as mesmas coisas, ter os mesmos hábitos..., mas ter a mesma aparência não é aceitável. Nesse romance, não há lugar para a solidariedade e fica explícita a agressividade da humanidade num mundo em que cada vez mais se deterioram as relações entre os seres humanos.

Saramago ressalta o seu objetivo ao escrever o romance *O homem duplicado* (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 333):

“O que no fundo eu quero tratar [em *O Homem Duplicado*] é o tema do “outro”. Se o “outro” é como eu, e o “outro” tem todo o direito de ser como eu, eu pergunto-me: até que ponto eu

Em 2005 é publicado o romance *As intermitências da morte*, uma discussão filosófica sobre a morte. No romance, com certo humor, é discutida a greve da morte durante certo período de tempo, em determinado lugar, e os diversos problemas que tal fato provoca na sociedade envolvida com a sobrecarga de seres humanos inválidos para sempre, que necessitam de cuidados e provocam gastos, mas que não produzem (Saramago, 2014a). É a discussão da morte, ou da falta dela, no plano social e pessoal. Lopes insere o livro na coleção de livros de Saramago que levam à reflexão sobre o mundo e os problemas da atualidade (Lopes, 2011, p.113):

“*As Intermitências da Morte* não são alheias à reconfiguração alegórica das redes de iniquidades e cumplicidades que os governos, as empresas, as religiões e as associações ilegais têm mais ou menos conscientemente estabelecido no Mundo concreto

para o domínio neoliberal da sociedade e o enfraquecimento das funções do Estado”.

Saramago enfatiza essa visão: “Disse para mim: vamos falar da vida de hoje através da morte: do funcionamento dos políticos, dos idosos atirados para lares, do egoísmo, da sensualidade...” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 331). E, complementa: “Porque gastamos tanto tempo a perguntar o que há além da vida? Se nos interrogássemos sobre o que realmente se está a passar aqui na vida, no tempo que nos calhou.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 331). Em todas as partes do mundo acontecem, mais ou menos, os mesmos fatos: a mesma ganância, a mesma falta de caridade, as mesmas iniquidades, as mesmas maldades...

José Saramago morreu em 18 de junho de 2010, aos 87 anos, combativo, irônico, e lúcido. No final de sua vida, ainda escrevia. Relatava a história de um funcionário de uma fábrica de armas, um homem simples (como a grande maioria de seus personagens) e apagado, que não tinha e nunca disparou uma arma, que vive entre papéis e carimbos, e que de repente vê-se diante da possibilidade de insurgir-se, de levantar-se, de dizer não.

Assim, “[...] porquê nunca houve uma greve numa fábrica de armamento[...].” (Saramago, 2014b, p. 59) foi a motivação para Saramago iniciar o novo livro – *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas* – que ficou inacabado ao falecer, mas o que ficou escrito já faz o que pensar sobre a condição humana e a banalidade da violência na sociedade contemporânea.

4.Saramago e os Deveres Humanos

30

No banquete de recepção do Prêmio Nobel de Literatura, em 10 de dezembro de 1998, em Estocolmo, Saramago usou a palavra para lançar um desafio (Saramago, 1998, p. 21-22):

“Cumpriram-se hoje exactamente cinquenta anos sobre a assinatura da Declaração Universal de Direitos Humanos.

[...] Como declaração de princípios que é, a Declaração Universal de Direitos Humanos não cria obrigações legais aos Estados, salvo se as respectivas Constituições estabelecem que os direitos fundamentais e as liberdades nelas reconhecidos serão interpretados de acordo com a Declaração. Todos sabemos, porém que esse reconhecimento formal pode

acabar por ser desvirtuado ou mesmo denegado na acção política, na gestão económica e na realidade social. A Declaração Universal é geralmente considerada pelos poderes económicos e pelos poderes políticos, mesmo quando presumem de democráticos, como um documento cuja importância não vai muito além do grau de boa consciência que lhes proporcione.

Nestes cinquenta anos não parece que os Governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que, moralmente, quando não por força da lei, estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se no mundo, as

desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrênica humanidade que é capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte neste tempo do que ao nosso próprio semelhante.

Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumpri-lo os Governos, seja porque não sabem, seja porque não podem, seja porque não querem. Ou porque não lho permitem os que efectivamente governam, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a uma casca sem conteúdo o que ainda restava de ideal de democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Foi-nos proposta uma Declaração Universal de Direitos Humanos, e com isso julgámos ter tudo, sem repararmos que nenhuns direitos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem, o primeiro dos quais será exigir que esses direitos sejam não só reconhecidos, mas também respeitados e satisfeitos. Não é de esperar que os Governos façam nos próximos cinquenta anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos

direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor.”.

Desta forma, Saramago convoca todo e qualquer cidadão a cumprir o seu dever como cidadão do mundo.

Neste sentido, já em 1995 em Oviedo, quando participava de um encontro organizado pela Fundação Municipal de Cultura sobre o tema *50 Propostas para o Próximo Milênio*, Saramago sugeriu as seguintes propostas (Saramago, 1999b, pp. 217-218):

“1. Desenvolver para trás, isto é, fazer aproximar da primeira linha de progresso as cada vez maiores massas de população deixadas à retaguarda pelos modelos de desenvolvimento actualmente em uso; 2. Criar um novo sentido dos deveres da espécie humana, correlativo do exercício pleno dos seus direitos; 3. Viver como sobreviventes, isto é, compreender, de facto, que os bens, as riquezas e os produtos do planeta não são inesgotáveis; 4. Impedir que as religiões continuem a ser factores de desunião; 5. Racionalizar a razão, isto é, aplicá-la de modo simplesmente racional; 6. Resolver a contradição entre afirmar-se que cada vez estamos mais perto uns dos outro e a evidência de que cada vez nos encontramos mais afastados; 7. Definir éticas práticas de produção, distribuição e consumo; 8. Acabar de vez com a fome no mundo, porque isso já é possível; 9. Reduzir a distância, que aumenta em cada dia, entre

os que sabem muito e os que sabem pouco.”.

Tais propostas estão de acordo com o que verbalizava em entrevistas e discursos e, principalmente, no que emerge de seus romances.

5.A Fundação José Saramago

Em 2007 foi criada, em Lisboa, a Fundação José Saramago cujos objetivos são: a difusão da literatura e a defesa dos direitos humanos e do meio ambiente, tomando como documento orientador a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Saramago esclarece em 29 de junho de 2007 (Fundação José Saramago, 2018a):

“Sendo assim, entre a vontade e o desejo, eis as minhas propostas:

a) Que a Fundação José Saramago assuma, nas suas actividades, como norma de conduta, tanto na letra como no espírito, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada em Nova Iorque no dia 10 de Dezembro de 1948.

b) Que todas as acções da Fundação José Saramago sejam orientadas à luz deste documento que, embora longe da perfeição, é, ainda assim, para quem se decidir a aplicá-lo nas diversas práticas e necessidades da vida, como uma bússola, a qual, mesmo não sabendo traçar o caminho, sempre aponta o Norte.

c) Que à Fundação José Saramago mereçam atenção particular os problemas do meio ambiente e do aquecimento global do planeta, os quais atingiram níveis de tal gravidade que já ameaçam escapar às intervenções

correctivas que começam a esboçar-se no mundo.

Bem sei que, por si só, a Fundação José Saramago não poderá resolver nenhum destes problemas, mas deverá trabalhar como se para isso tivesse nascido.

Como se vê, não vos peço muito, peço-vos tudo.”.

Desta forma, a presidenta da Fundação José Saramago, Pilar Del Río, tem buscado cumprir os desejos de seu esposo José Saramago, procurando transformar em realidade a mensagem do discurso de Saramago em Estocolmo, quando do recebimento do prêmio Nobel, ao mesmo tempo em que observa os objetivos da Fundação José Saramago.

Assim, de 24 a 25 de junho de 2015, a Fundação José Saramago, em parceria com a Universidade Autónoma do México (UNAM) e com a World Future Society, entidade que reúne especialistas em prospectar as tendências da economia e da sociedade para o futuro, organizou um encontro na capital mexicana com o intuito de dar corpo à ideia lançada por Saramago. Neste encontro, meia centena de acadêmicos, intelectuais e pensadores de várias nacionalidades estiveram reunidos com o objetivo de criar uma proposta de Carta dos Deveres Humanos a ser encaminhada à Organização das Nações Unidas (ONU). Com essa iniciativa, os promotores quiseram assinalar o quinto aniversário da

morte do escritor, a 18 de junho de 2010, e a motivação para o encontro surgiu da esperança de que a elaboração de um documento que estabeleça obrigações signifique o fortalecimento da proteção dos direitos humanos (Del Río, 2015).

"Os deveres são a simetria necessária para preservar os direitos", defendeu Pilar del Río, orgulhosa por "com o nome do português José Saramago se dar, no México, o primeiro passo para se criar a Declaração Universal dos Deveres Humanos que se pretende, em breve levar às Nações Unidas". (RA, 2015).

No encontro, o reitor da UNAM, José Narro Robles, falou sobre as desigualdades (MVS Notícias, 2015):

"[...] las asimetrías de nuestro mundo no tienen parangón. Las diferencias son tan grandes que resulta poco probable su existencia... La desigualdad que ahora vive el mundo resulta del rezago de lo social en la acción de los gobiernos y de la concentración de la riqueza en muy pocos individuos."

E quanto aos atuais modelos de desenvolvimento, ele alertou que (MVS Notícias, 2015):

"[...] han provocado una gran desigualdad económica y social que prevalece en todo el mundo, que ha mantenido en la miseria a cientos y cientos de millones de personas, algunos que llegan incluso al grado de carecer de los nutrientes indispensables para subsistir."

Neste sentido, o encontro discutiu os seguintes pontos: 1) erradicar a fome e não desperdiçar comida; 2) erradicar o analfabetismo e implementar educação de qualidade; 3)

compartilhar conhecimento técnico e experiência para ajudar na saúde integral; 4) exercer a liberdade de expressão com respeito e veracidade; 5) exercer a economia de energia através do uso racional; 6) eliminar a desigualdade extrema da sociedade e propiciar a igualdade social; 7) exercer a hospitalidade frente a emigrantes e refugiados; 8) fornecer condições de livre concorrência entre empresas, de forma a propiciar salários justos e impostos equitativos; 9) direcionar o conhecimento científico para a preservação da vida; 10) respeitar o meio ambiente e contribuir com a limpeza, conservação e regeneração do mesmo; 11) respeitar o habitat e o modo de vida dos animais não humanos. (El País, 2015).

De certa forma, tudo muito claro e necessário, mas muito difícil de implementar.

No dia 5 de maio de 2018, celebrou-se no jardim da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque, o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). No seu discurso, o secretário-geral do ONU, o português António Guterres, recordou os 20 anos da atribuição do Nobel de Literatura a José Saramago e enfatizou que "O Nobel foi um acto de indiscutível justiça. Saramago é uma figura extraordinária de quem todos nos orgulhamos." (Fundação José Saramago, 2018b). Guterres também fez referência à proposta de Carta dos Deveres Humanos que, dias antes, tomou conhecimento ao receber alguns dos autores da ideia (Fundação José Saramago, 2018b):

"Tive ocasião há uns dias de verificar como a influência de Saramago se mantém em toda a parte. Recebi uma delegação chefiada por sua mulher, Pilar del Río, com elementos do corpo diplomático de Portugal, do México, de várias partes, e de várias universidades. Eles estão a

procurar transformar em realidade a mensagem do discurso de Saramago na aceitação do seu prêmio Nobel em relação aos deveres que cada um de nós tem como cidadão do universo. O que prova que Saramago está hoje mais vivo e influente do que nunca.”

Portanto, a Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos, que teve seu nascedouro no Discurso de Saramago, em Estocolmo, e amadureceu após o encontro na UNAM em 2015, foi entregue em abril de 2018 à ONU para ser dada a conhecer mundialmente. O texto é o resultado de vários anos de trabalho de acadêmicos, especialistas e cidadãos e visa defender a "ética da responsabilidade", como explicou a presidenta da Fundação José Saramago e viúva do escritor português, Pilar del Río. Segundo Pilar del Río, a Carta complementa a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada em 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, e propõe "a simetria" dos deveres humanos. Assim, no

seu primeiro artigo, declara que todas as pessoas têm "o dever de cumprir e exigir o cumprimento dos direitos" (Fundação José Saramago, 2018c) reconhecidos por essa Declaração. "Não queremos ser nem amedrontados, nem intimidados, nem resignados, nem indiferentes e, para isso, temos que cumprir os nossos deveres. Em primeiro lugar, exigir que se cumpram os direitos" (CM, 2018), indicou Pilar del Río. A Carta está estruturada em 23 artigos que reúnem uma ampla gama de deveres para as pessoas, desde o de não discriminar até ao de respeitar a vida, passando por obrigações como o respeito da liberdade ideológica e religiosa e a participação nos assuntos públicos (Fundação José Saramago, 2018c).

Em 16 de novembro de 2019, a Fundação José Saramago tornou pública, em seu *website*, a Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos.

Portanto, a semente lançada por José Saramago em seu Discurso, em 1998, está começando a brotar. Espera-se que possa produzir frutos.

6. Considerações Finais

O discurso de Estocolmo de José Saramago, em 1998, continua atual. O conceito de cidadão, do mundo, deve ser discutido e reelaborado para o que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) denomina de "Cidadania Global". Segundo a UNESCO, um entendimento comum quanto à noção de cidadania global "é de que seja um sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla, além de fronteiras nacionais, que enfatiza nossa humanidade comum e faz uso da interconectividade entre o local e o global, o nacional e o internacional." (UNESCO). No entanto, a UNESCO afirma que:

"cidadãos globais são indivíduos que pensam e agem para um mundo mais justo, pacífico e sustentável" (UNESCO).

Portanto, um mundo globalizado requer cidadãos também globalizados. Ser cidadão global significa que se tem um conjunto de direitos, como definido na Declaração Universal de Direitos Humanos, mas também que há obrigações para com o outro e para com o mundo.

Assim, é urgente e necessário mudar as abordagens para imaginar um mundo diferente onde a fome, a ignorância e as mortes evitáveis

não tenham lugar, onde não haja marginalização e/ou discriminação racial, religiosa, de gênero ou econômica, onde o planeta Terra e seus recursos sejam usados de forma racional, onde ninguém seja excluído dos benefícios gerados pelos grandes avanços científicos e tecnológicos da atualidade. Ou seja, construir um mundo melhor para todos. No entanto, num cenário em que uma porcentagem significativa da população mundial sofre os efeitos da ignorância, atraso e exclusão, não há soluções simples. Porém, as soluções não devem passar pela discriminação. Saramago cita que (Saramago, 2011, p. 17):

“[...] no tempo do franquismo, um notável do regime [...] sugeriu ao governo a construção duma cidade destinada exclusivamente a cegos. A ideia não foi por diante, mas é fácil perceber quão fecunda era de possibilidades: depois dessa primeira experiência talvez começasse a haver cidades de surdos, cidades de coxos, cidades de manetas, cidades de gogos, cidades de mudos, cidades de mongoloides, cidades de paraplégicos, cidades de epilépticos, e com a continuação e o êxito da prática segregativa, acabaríamos fatalmente por construir cidades para velhos, cidades para loucos, cidades para enfermos em fase terminal, enfim, para quantos se configurassem como elementos perturbadores do viver da comunidade dos normais.”

Mas, quem são os normais? Quem seria o responsável pela classificação? A quem seria dada essa atribuição?

Parece que de vez em quando surge alguém que se acha dono do mundo e acima de todos os seres humanos. No entanto, a memória do

ser humano esquece rapidamente o passado e volta a cometer erros já vividos e sofridos.

Saramago fala de seus objetivos ao escrever romances (Saramago, 1999a, p. 45):

“Quem tiver acompanhado com alguma atenção o que venho escrevendo desde *Manual de Pintura e Caligrafia* saberá que os meus objectivos [...] apontam para uma definição final que pode ser resumida, creio, em apenas quatro palavras: meditação sobre o erro. A fórmula corrente – meditação sobre a verdade – é, sem dúvida, filosoficamente mais nobre, mas sendo o erro constante companheiro dos homens, penso que sobre ele, muito mais que sobre a verdade, nos convirá reflectir.”

E assume sua responsabilidade como escritor (Saramago, 2009, p. 157):

“O escritor, se é pessoa do seu tempo, se não ficou ancorado no passado, há-de conhecer os problemas do tempo que lhe calhou viver. E que problemas são esses hoje? Que não estamos num mundo aceitável, bem pelo contrário, vivemos num mundo que está a ir de mal a pior e que humanamente não serve”.

E ele denuncia os absurdos do mundo: “[...] um jornal diz-me que no Ruanda foram atiradas pessoas para dentro de poços com pneumáticos a arder. Pessoas vivas, entenda-se. O catálogo de horrores deste campo de concentração chamado Mundo é inesgotável.” (Saramago, 1999a, p. 120) e descreve as atrocidades da guerra (Saramago, 2011, p. 23):

“Espalhados por 64 países, existem mais de 110 milhões de

minas antipessoais, à espera de que alguém lhes vá pôr o pé em cima. Não têm esperada em vão: em cada ano, por causa delas, morrem ou ficam mutiladas 24 000 pessoas, isto é, em cada vinte minutos rebenta uma mina. Só em Angola há mais de 12 milhões de minas ativas enterradas, uma para cada habitante, e ainda ficariam muitas minas para lhe arrancarem a outra perna. As minas são montadas em fábricas de armanento (tanto legais como ilegais) por operários especializados que, como é natural, cobram o seu salário. Esses operários conhecem perfeitamente o destino e as consequências dos produtos que lhes saem das mãos. Não tenho notícia de qualquer greve de protesto nessas fábricas.”

E, sempre irônico, ele fala da fome no mundo (Saramago, 2012, p. 255):

“Novas notícias da fome, desta vez muito mais animadoras. A Conferência da FAO, reunida em Roma nestes dias, acaba de aprovar uma resolução no sentido de que sejam reduzidos para metade, até ao ano 2015, os 800 milhões de famintos que existem actualmente... Espera-se que os restantes 400 milhões possam morrer daqui até lá: ficaria resolvido dessa maneira o problema da fome no mundo.”

Neste mundo de injustiças e crueldades, ele afirma que “O pior da injustiça é podermos acabar por acostumar-nos a ela.” (Saramago,

2011, p. 100) e confirma sua descrença no ser humano (Saramago, 1999b, p. 36):

“[...] chegados a estes dias, os meus e os do mundo, vejo-me perante duas probabilidades únicas: ou a Razão, no homem, não tem feito mais do que engendrar monstros, ou o homem, sendo indubitavelmente um animal entre os animais, é, também indubitavelmente, o mais irracional de todos eles. Com grande desgosto, inclino-me para a segunda hipótese, e não por ser doentivamente propenso a filosofias pessimistas e negativistas, mas porque o cenário do mundo, de todos os pontos de vista, me parece uma demonstração clara da irracionalidade humana. O sono da Razão, esse que nos converte em irracionais, fez de cada um de nós um pequeno monstro. De egoísmo, de fria indiferença, de desprezo cruel. O homem, por muito cancro e muita sida, por muita seca e muito terramoto, não tem outro inimigo senão o homem.”

Seu olhar pessimista e descrente da humanidade faz com que ele proclame: “[...] a própria humanidade se encarregará de destruir o mundo e destruir-se a si mesma.” (Saramago, 2011, p. 47).

Portanto, a Carta de Deveres e Obrigações entregue à ONU, por simpatizantes do pensamento de José Saramago, que aguarda ações, pode vir a ser material de reflexão e mola propulsora de mudanças na humanidade.

- Aguilera, F. G. (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Alfragide, Portugal: Caminho.
- Canclini, N. G. (2007). *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Castells, M. (2010). *A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo, Brasil: Paz e Terra.
- CM. (2018). Carta de Deveres e Obrigações proposta por Saramago chega à ONU.
- Recuperado de https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/20180427_0739_carta-de-deveres-e-obrigacoes-proposta-por-saramago-chega-a-onu.
- Del Río, P. (2015). Pilar del Río: Reivindicar os nossos deveres. Folha de S. Paulo.
- Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2015/06/1644159-pilar-del-rio-reivindicar-os-nossos-deveres.shtml>.
- Dupas, G. (2011). Ética e poder na sociedade da informação: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo, Brasil: Editora Unesp.
- El País (2015). Esta es la propuesta de deberes humanos, inspirada en Saramago, que todos deberíamos cumplir. Recuperado de https://verne.elpais.com/verne/2015/10/17/articulo/1445091220_052404.html.
- Fundação José Saramago. (2018a). Declaração de Princípios. Recuperado de <https://www.josesaramago.org/declaracao-de-principios/>.
- Fundação José Saramago. (2018b). Deveres Humanos em destaque no Dia da Portuguesa na ONU. Recuperado de <https://www.josesaramago.org/>.
- Fundação José Saramago. (2018c). Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos. Recuperado de <https://www.josesaramago.org/carta-universal-dos-deveres-e-obrigacoes-dos-seres-humanos/>.
- Lopes, J. M. (2011). *Biografia – José Saramago*. Lisboa, Portugal: Guerra & Paz.
- MVS Noticias (2015). Debaten expertos sobre ciudadanía y democracia a partir de las ideas de Saramago. Recuperado de <http://www.mvsnoticias.com/#!/noticias/debaten-expertos-sobre-ciudadania-y-democracia-a-partir-de-las-ideas-de-saramago-260.html>.

ONUBR - Nações Unidas do Brasil. (2009). Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Recuperado de <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

RA (2015). Saramago queria Carta dos Deveres Humanos. Recuperado de <http://m.redeangola.info/saramago-queria-carta-dos-deveres-humanos/>.

Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Saramago, J. (1998). *Discursos de Estocolmo*. Lisboa: Fundação José Saramago.

Saramago, J. (1999a). *Cadernos de Lanzarote: Diário II*. Alfragide, Portugal: Editorial

Caminho.

Saramago, J. (1999b). *Cadernos de Lanzarote: Diário III*. Alfragide, Portugal: Editorial

Caminho.

Saramago, J. (2000). *A caverna*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Saramago, J. (2002). *O homem duplicado*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Saramago, J. (2009). *O Caderno 2*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.

Saramago, J. (2011). *Cadernos de Lanzarote: Diário V*. Alfragide, Portugal: Editorial

Caminho.

Saramago, J. (2012). *Cadernos de Lanzarote: Diário IV*. Alfragide, Portugal: Editorial

Caminho.

Saramago, J. (2014a). *As Intermittências da morte*. Lisboa, Portugal: Porto Editora.

Saramago, J. (2014b). *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*. São Paulo, Brasil:

Companhia das Letras.

Senado Federal. (1998). Constituição da República Federativa do Brasil. Recuperado de

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC9_1_2016.pdf.

UNESCO. O que é cidadania global? Recuperado de

http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brasilia/pdf/brz_ed_global_citizenchip_brochure_pt_2015.pdf.